

## ARTIGO

### **A MOCIDADE TRABALHISTA DO PTB. AS ORIGENS DO ATIVISMO RADICAL EM BELO HORIZONTE (1957 – 1961)**

### **THE LABOR YOUTH OF PTB. THE ORIGINS OF RADICAL ACTIVISM IN BELO HORIZONTE (1957 - 1961)**

SÉRGIO LUIZ SANTOS DE OLIVEIRA\*

#### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo discutir a formação da Mocidade Trabalhista do PTB, com foco em sua seção de Belo Horizonte. Desta seção surgiu uma geração de ativistas que posteriormente iria se engajar em organizações como a ORM-POLOP e a AP. Os ativistas da MT de Belo Horizonte estavam alinhados a correntes brizolistas do PTB. Em finais da década de 1950, aproximaram-se do pensamento marxista e de setores mais combativos ligados ao meio católico. Deste grupo fez parte Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e Herbert de Souza (Betinho), ativistas que ganhariam destaque na esquerda nacional no decênio seguinte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mocidade Trabalhista, geração, marxista, meio católico, brizolistas

#### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss the formation of PTB's Labor Youth, focusing on its section of Belo Horizonte. From this section emerged a generation of activists who would later engage in organizations such as ORM-POLOP and the AP. The activists of the MT of Belo Horizonte were aligned with the brizolistas currents of the PTB. In the late 1950s, they approached Marxist thought and more combative sectors linked to the Catholic milieu. This group included Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra and Herbert de Souza, activists who would gain prominence in the national left in the following decade.

**KEYWORDS:** Youth Labor, generation, Marxist, Catholic milieu, brizolistas.

## Introdução<sup>1</sup>

O presente artigo tem por objetivo discutir a formação da Mocidade Trabalhista, setor jovem vinculado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Nosso foco se dará sobre a seção mineira da MT, organizada em Belo Horizonte, capital que viu surgir em suas cercanias uma geração de ativistas que ganhariam destaque no cenário nacional a partir dos Anos 1960. Trata-se de um tema ainda pouco estudado pela pesquisa acadêmica, sendo citado de forma esparsa, sem maior aprofundamento, em trabalhos como a tese de doutorado de Leovegildo Pereira Leal, publicada em 2011, sob o título: “História da POLOP. Da fundação a aprovação do Programa Socialista para o Brasil”.<sup>2</sup>

A MT de Belo Horizonte cedeu parte de seus quadros para a formação da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP), em 1961, como veremos adiante. Aqui se encontra o contexto em que a agremiação em análise é comentada em diversos trabalhos acadêmicos, como o artigo de Marcelo Badaró Mattos “Em busca da Revolução Socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967)”, publicado na coletânea “História do Marxismo no Brasil, volume 5”.<sup>3</sup> Também faz referência a MT de Belo Horizonte a dissertação de mestrado de Joelma Alves de Oliveira “POLOP. As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)”,<sup>4</sup> defendida em 2007. Uma das primeiras referências a MT em discussão está presente no celebrado estudo de Jacob Gorender sobre a luta armada no Brasil, intitulado “Combate nas Trevas”,<sup>5</sup> onde a agremiação também é citada pela adesão de parte de seus membros a ORM-POLOP. Neste mesmo

sentido, temos o artigo memorialístico de Luiz Alberto Moniz Bandeira “Notas sobre a POLOP e Eric Sachs”,<sup>6</sup> cujo autor foi um dos articuladores da ORM-POLOP, sendo o mesmo um dos que estabeleceu os contatos iniciais para a adesão do grupo mineiro a sua organização.

Como informado no resumo deste trabalho, a MT de Belo Horizonte também cedeu parte dos seus quadros a organização cristã Ação Popular, que inicia seus trabalhos a partir de 1962. A porção cristã da Mocidade Trabalhista belo-horizontina, encabeçada por Herbert de Souza e Vinícius Caldeira Brant, atingiu posições de liderança a AP, que assim como a ORM-POLOP era uma organização nacional, com forte presença no meio estudantil. As referências por nós encontradas sobre a transição de militantes entre a MT e a AP estão relacionadas às biografias das duas lideranças cristãs supracitadas, não conseguimos maiores informações sobre a linha de continuidade acerca da militância destes quadros entre o trabalhismo e o catolicismo progressista<sup>7</sup>. Vale ressaltar que os dois ativistas aqui destacados também militavam na Juventude Universitária Católica (JUC), sendo lembrados mais por sua atuação e evolução dentro desse meio.

O primeiro trabalho acadêmico a efetuar um estudo mais criterioso sobre a MT de Belo Horizonte (a frente discutiremos os outros núcleos dessa agremiação) foi nossa tese de doutorado, defendida em 2017, intitulada “Caminhando com os próprios pés. A formação política e teórica da ORM-POLOP (1956-1967)”<sup>8</sup>. Dedicamos o terceiro capítulo da tese ao tema em apreciação neste artigo. Além das dissertações, teses e artigos aqui mencionados, também

utilizamos para este trabalho fontes primárias,<sup>9</sup> provenientes de acervos referentes ao periódico *Política Operária*, principal veículo divulgador das propostas da ORM-POLOP, e a documentação interna produzida por esta mesma organização, como atas e chamados para congressos e conferências, especialmente os ligados ao Congresso de fundação da sigla, realizado em 1961. Também foi de fundamental importância para nossos estudos relativos a este tema a entrevista muito gentilmente a nós concedida, via email, pelo Professor Theotônio dos Santos, em 07 de janeiro de 2014.

A MT se configurou com uma organização guarda-chuva, abrigando em suas hostes correntes vinculadas ao pensamento brizolista e ao clero progressista ligado a agremiações como a Juventude Universitária Católica (JUC). A MT participou ativamente das lutas sociais belo-horizontinas, aproximou-se de movimentos organizados por moradores de favela, operários, estudantes, e tomou parte nas disputas políticas de sua municipalidade. Em finais da década de 1950, duas tendências passaram a se definir na sigla, uma majoritária, ligada ao catolicismo progressista, de tonalidades socialistas e libertárias, e outra também socialista, mas pendendo em direção ao marxismo. A primeira irá se engajar na Ação Popular (AP), a segunda na Organização Revolucionária Marxista Política-Operária (ORM-POLOP), como já mencionado.

### **PTB, trabalhismo e brizolismo**

O PTB consegue seu registro legal em 1945, na esteira da formação do quadro político-partidário, que até o Ato Institucional de número 2, decretado em 1965, empolgaria a arena política brasileira. O desempenho eleitoral da legenda foi crescente até seu fechamento. Em termos de legislativo federal, foi a sigla que mais cresceu durante o recorte histórico em análise. Nas primeiras eleições pós Estado Novo, o partido obteve 22 cadeiras na Câmara Federal, ficando atrás de PSD e UDN. Em 1950, chegou à presidência da República, amparado pela liderança de Getúlio Vargas. Obteve a vice-presidência em 1956, com João Goulart, e foi peça chave no projeto de desenvolvimento associado proposto por Juscelino Kubitschek, mantendo o controle sobre o Ministério do Trabalho. Chegou novamente à vice-presidência durante o governo Jânio Quadros, e retornou ao comando da nação em agosto de 1961. Às vésperas do golpe de 1964, era a segunda bancada, atrás apenas do PSD, tanto na Câmara como no Senado Federal. Era também o partido de maior proximidade junto às classes populares.

Lucília de Almeida Neves aponta três correntes a compor o PTB em sua trajetória pré-golpe: os *getulistas pragmáticos*, os *doutrinários trabalhistas* e os *pragmáticos reformistas*.<sup>10</sup> Os *getulistas pragmáticos* representavam os burocratas vinculados à máquina pública estadonovista e lideranças sindicais atreladas ao sindicalismo corporativista. Esta tendência era de caráter fisiológico e se orientava por uma composição que buscava minimizar os conflitos entre capital e trabalho, mesmo que em detrimento da classe trabalhadora. A ala *doutrinária* representava a porção mais ideológica e intelectualizada do partido, eram orientados pelos preceitos da socialdemocracia reformista europeia, e buscavam dar sustentação teórica ao trabalhismo nacional. Após

a saída de cena dos mentores iniciais da legenda, especialmente Getúlio Vargas,<sup>11</sup> formou-se uma terceira corrente, a *pragmático reformista*, mesclando as duas anteriormente citadas. Tal corrente

veio a oxigenar o trabalhismo e o PTB com a equação nacionalismo e reformismo, movendo-se no terreno de uma concepção mais autônoma para o movimento dos trabalhadores. Igualmente inspirada nas experiências e nas propostas de Vargas e de Pasqualini, teve em João Goulart (PTB/RS) e em Leonel Brizola (PTB/RS) os seus representantes mais expressivos na cena política nacional. Uma geração que sucedeu às lideranças originárias do PTB, assimilando conhecimentos socializados e práticas encetadas tanto no interior do partido quanto nas funções ocupadas pelos “mestres” em demais instâncias sociais e políticas. Nesse sentido, é legítimo argumentar que o partido teve a capacidade de se perpetuar para além da figura de Vargas. O realismo e o idealismo político se fundem nessa ala. Convergência, nada obstante, para uma concepção partidária ativa em relação às bases eleitorais – concepção sobremaneira sintonizada com a tendência *doutrinária*. Não se limitando apenas a canalizar e a representar as demandas do seu eleitorado, essa ala esforçou-se por enquadrar e moldar seu público em torno de determinados valores e idéias (sic) políticas (...).<sup>12</sup>

O centro estratégico e doutrinário do PTB se situou no Rio Grande do Sul, deste estado surgiram as principais lideranças da legenda entre 1945 e 1964. Aqui se verificou uma polarização política entre PTB e PSD,<sup>13</sup> a terceira sigla do período com ressonância nacional, a UDN, teve pouca representatividade nessa região. A influência da seção gaúcha petebista foi marcante sobre o Diretório Nacional, situado no Distrito Federal da época, na capital também funcionava um Diretório Regional bastante ativo. Na Guanabara também se observou a maior polarização política e as campanhas mais acirradas. Em princípio a dicotomia se deu entre comunistas e anticomunistas, tempo em que mesmo o PTB se posicionava

ao lado da UDN em oposição ao PCB. Após 1947, com a proscrição da legenda comunista, a disputa migrou para contenda entre trabalhistas–getulistas *versus* udenistas. Mas o anticomunismo sempre foi uma constante nas campanhas da UDN, e após a morte de Getúlio Vargas, tal sentimento passou a ser o mote de tal agremiação, chegando ao paroxismo às vésperas do golpe de 1964. O PTB seguiu um caminho inverso, e sua guinada à esquerda o aproximou dos comunistas. Tal aproximação foi marcante, sobretudo, na Guanabara, como veremos mais à frente.

São Paulo foi um caso à parte dentro do jogo político-eleitoral da época. Neste estado não se delineou a dicotomia entre PTB e PSD, vista no Rio Grande do Sul. Tampouco se desenvolveu o antigetulismo encampado pela UDN carioca, insuflado por Carlos Lacerda e seus signatários. No contexto paulista, verificou-se a diluição do trabalhismo entre uma série de pequenos partidos, orientados por lideranças carismáticas locais, especialmente Adhemar de Barros, Hugo Borgui e Jânio Quadros, políticos que instrumentalizavam as demandas trabalhistas em seu favor.<sup>14</sup>

Em Minas Gerais, o PTB não obteve um desempenho semelhante ao visto no Rio Grande do Sul ou no Rio de Janeiro (especialmente na Guanabara). Mesmo se compararmos o contexto mineiro ao paulista, também não se vê grande sucesso político-eleitoral. Nesse estado, dominado por elites tradicionais, oriundas do Partido Republicano Mineiro, a máquina administrativo-burocrática, construída durante o Estado Novo, foi a principal fiadora do poder local<sup>15</sup>. Aqui a disputa se dava entre o PSD e a UDN. Não obstante sua debilidade, o PTB mineiro apresentou algumas lideranças de destaque, como Lucio Bittencourt, um dos grandes articuladores da legenda no estado, eleito deputado federal em 1950, e

senador em 1955. Pela região também se elegeu outro cardeal petebista, Santiago Dantas, por duas vezes promovido a deputado federal (1958 e 1962), embora fosse natural do Rio de Janeiro. Como nas demais regiões do país, a força política do PTB se consolidou nas localidades de maior concentração operária, nas Minas Gerais tais pólos se encontravam na grande Belo Horizonte e em Juiz de Fora.

Podemos afirmar que o PTB foi um partido fraco em Minas Gerais, ao menos ao longo da maior parte do período que nos toca. Não obstante, assim como se verificou em todo país, no início da primeira metade dos Anos 1960, o desempenho petebista em solo mineiro foi crescente. Os trabalhistas souberam se adaptar ao tradicional jogo político local, e por meio de coligações exploraram as contradições entre as forças políticas que dominavam o estado. Pelo trecho abaixo podemos identificar o processo em análise:

(...) há um declínio acentuado e firme das coligações puras entre os partidos tradicionalmente conservadores e uma tendência de infiltração nos partidos de tradição local das legendas cidadinas. O agente maior desta penetração é o PTB, cada vez mais presente no interior. Este partido, que em 1947 participava de 27 prefeituras, em 1958 o faz em 94, apresentando ainda o maior índice de crescimento no estado. Traduz isto uma libertação do eleitorado de seus dirigentes clássicos e a admissão da orientação política por elementos estranhos ao meio tradicional. A renovação se dá especialmente nos municípios onde mais ativa é a revolução industrial e, conseqüentemente, maior a migração de mão-de-obra; é a quebra lenta mas firme da força do coronel (...).<sup>16</sup>

O ciclo de agitação política que contagiou todo o país no decênio anterior ao assalto ao poder pelos militares também galvanizou a região da

grande Belo Horizonte, palco de intensa mobilização, tanto por parte dos setores operários, quanto dos setores estudantis, além de outros movimentos de cunho popular.<sup>17</sup> O fraco histórico de mobilização popular em nível local, em comparação a outras capitais, como a Guanabara, Recife, Porto Alegre e São Paulo, foi compensado na fase em discussão. Na capital mineira foi articulada a seção local da Mocidade Trabalhista do PTB, durante esse ciclo de mobilização política crescente, mas antes de discutimos a formação deste grupo, faz-se necessário uma apreciação sobre a principal corrente política a empolgar o mesmo, o brizolismo.

Há farta bibliografia<sup>18</sup> referente a Leonel Brizola e a corrente política denominada brizolismo, o que pretendemos aqui é situar tal linha doutrinária dentro do panorama por nós analisado. Acima vimos a definição de Lucília de Almeida Neves acerca das tendências compostas pelos quadros petebistas nos primeiros vinte anos de existência do partido. A geração que substituiu as lideranças de Getúlio Vargas e Alberto Pasqualini no PTB teve como próceres João Goulart e Leonel Brizola, como supracitado. O primeiro ocupando os postos de maior destaque e orquestrando a grande política da sigla. O segundo atuando como mobilizador popular, dando relevo às correntes mais radicais do trabalhismo brasileiro.

O discurso radical foi o mote de Brizola durante toda sua trajetória de homem público, desde seus anos iniciais como deputado estadual pelo Rio Grande do Sul, passando por sua gestão como prefeito de Porto Alegre, e governador do mesmo estado, quando se projetou para o restante do país. Quando o PTB chegou pela segunda vez ao governo nacional o brizolismo se sobrepôs às demais tendências do partido em escala crescente, levando

de roldão mesmo João Goulart, nos estertores de seu mandato. A ousadia do líder gaúcho empolgava sobretudo os mais jovens, em uma fase de ebulição política que incidia em nível internacional.

Ao menos até a primeira metade da década de 1960, a postura de Brizola o credenciava como a opção mais radical e de maior potencial revolucionário em atuação no tabuleiro político brasileiro. Mas sua retórica também gerava desconforto ante as demais correntes petebistas, de viés mais moderado, trazendo dificuldades para as articulações políticas da legenda. João Trajano Sento-Sé define a ambivalência do trabalhismo brizolista nos seguintes termos:

O trabalhismo emergente, capitaneado por Brizola, não era menos ambíguo e carente de sistematização do que fora até então. Ao contrário, era e pretendia ser pura ação, iniciativa na direção de reformas profundas, tanto no âmbito estrutural quanto institucional. Talvez sua principal marca diferenciadora fosse a desconfiança e a intranqüilidade que causava em setores da burguesia industrial, em parte da classe média e nas oligarquias agrárias. Seduzia, com sua retórica mobilizadora, camadas da esquerda, mas inviabilizava virtualmente alianças que, mesmo frágeis, sustentaram parte do crescimento político mais fortemente identificado com o trabalhismo, o PTB. Chegava, inclusive, a causar mal-estar no interior do próprio partido.<sup>19</sup>

Pelo que podemos depreender do acima exposto, o trabalhismo brizolista era mais um guia para a ação do que uma corrente doutrinária. Tal impetuosidade era um problema para a grande articulação petebista, tendo à frente Jango e seus signatários de maior experiência. Não obstante, para a juventude, tal postura era vista como referência e exemplo a ser seguido. A articulação de Brizola junto aos mais jovens se dava

especialmente por meio das “Alas Moças” petebistas, posteriormente chamadas de “Mocidades”.

### **O ambiente de formação da MT de Minas Gerais**

O centro estratégico da Ala Moça do PTB, assim como se dava com a própria legenda política, localizava-se em Porto Alegre. Em seus primeiros anos de atividade, a militância da Ala Moça ficou praticamente restrita a capital gaúcha. Nas eleições estaduais de 1947, o grupo conseguiu eleger deputados para a Assembleia Sul-rio-grandense, com destaque para as vitórias de Leonel Brizola e Sereno Chaise.<sup>20</sup> A agremiação trabalhista conseguiu grande popularidade entre os estudantes do estado, especialmente junto aos da capital.

Na V Convenção Nacional do PTB, realizada em 1952, encontro que marca o início da ascensão de João Goulart na legenda, a Ala Moça passa a se chamar Mocidade Trabalhista. Um incipiente trabalho de expansão para as demais localidades do país passou a ser efetuado. Contudo, em nenhuma outra região do Brasil a MT atingirá a influência política conquistada no Rio Grande do Sul. O grande responsável por tal influência foi, sem dúvida, Leonel Brizola. O segundo setor jovem do partido a ganhar algum destaque, além da seção gaúcha, foi a MT de Belo Horizonte.

Em finais dos Anos 1950, a capital mineira passava por um intenso processo de transformação econômica e social. Este processo foi acelerado após a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1960, a população da cidade foi de 207.936 a 683. 908 mil habitantes, apresentando uma média de crescimento de 6,21% ao ano.<sup>21</sup> Para tal impulso, foi de fundamental

importância o Plano de Recuperação e Fomento da Produção, elaborado em 1947. Este plano “listou um conjunto de projetos e programas que cobria praticamente todas as atividades econômicas e assistenciais”.<sup>22</sup>

No entanto, as atenções dos poderes locais se concentraram na industrialização da região, relegando a segundo plano projetos de infraestrutura urbana e assistência a população. Tal opção de desenvolvimento cedo mostrou seus frutos, passando a região da grande Belo Horizonte de 10 indústrias com cerca de mil empregados, em 1947, a 82 indústrias com cerca de 14 mil operários a altura de 1960.<sup>23</sup> Crescimento industrial e populacional foram concomitantes, mas a concentração das atenções sobre o primeiro, por parte dos poderes públicos, gerou distorções até então desconhecidas para os habitantes da capital mineira. Um dos resultados desse processo foi a favelização<sup>24</sup> verificada no município.

Politicamente, Belo Horizonte também se encontrava em processo de formação. O centro político-estratégico do estado ainda se situava na região de Ouro Preto, onde se encontravam os tradicionais “caciques” do tradicional jogo político mineiro. O fato do prefeito e dos representantes legislativos de Belo Horizonte serem nomeados pelo governador era um fator a mais de desmobilização para os locais. No entanto, após a redemocratização pós Estado Novo, a cidade adquiriu o direito de escolher seus representantes. Podemos observar as transformações que atingiram o estado pela postura do PCB com relação à capital mineira a partir de 1945. Dimas Perrin, quadro comunista designado para a região, informa que o trabalho do partido só começou a “dar frutos” em finais da década de 1950.<sup>25</sup> Período este em que Belo Horizonte já se encontrava plenamente integrada ao xadrez político brasileiro. Não apenas como caudatária dos

centros mais tradicionais de poder, mas como pólo de mobilização e proposição de alternativas políticas, sociais e culturais, com ressonância nacional. Destacamos duas correntes de mobilização que muito contribuíram para a ebulição política local: os movimentos de moradores de favelas, que chamaram a atenção da sociedade civil belo-horizontina do período, e os grupos ligados a esquerda católica, que não se restringiram ao panorama local, levando suas proposições para todo o país.

Embora o Plano de Recuperação e Fomento da Produção contemplasse serviços de infraestrutura urbana, voltados especialmente às camadas menos favorecidas da população, pouco se investiu neste setor. Largas parcelas da classe trabalhadora belo-horizontina, atraídas ao município pelo surto de crescimento mencionado acima, encontravam-se sem nenhum tipo de assistência por parte dos poderes públicos. Os pejorativamente identificados como “favelados” passaram a povoar os morros situados nos arredores da capital, sem acesso a serviços essenciais como água, luz e saneamento básico, vivendo sob a constante ameaça de remoção. Contra esse estado de coisas, no período em análise, foram organizadas as Uniões de Defesa Coletiva, as UDC's.

Em 1959, as diversas UDC's organizadas na capital mineira formaram a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte (FTFBH). A FTFBH se constituiu sob influência de comunistas, socialistas, trabalhistas e representantes do clero progressista<sup>26</sup>. Mas esta entidade soube agir com independência em relação aos grupos que tentavam cooptá-la, defendendo as demandas dos trabalhadores “favelados”, agora representados por militantes vinculados organicamente às comunidades<sup>27</sup>. A FTFBH se inseriu no jogo político belo-horizontino, somando forças aos

demais grupos organizados na região, atraindo a simpatia de setores das classes médias locais, sobretudo entre os estudantes. As atividades da Frente de Belo Horizonte foram crescentes até o 1º de abril de 1964, após essa data, a entidade representativa dos moradores das favelas do município foi considerada subversiva e proscrita.<sup>28</sup>

Como visto, Belo Horizonte não possuía o histórico de mobilizações políticas verificado em outras capitais e centros industriais brasileiros. Na década de 1950, a cidade ainda era um misto de metrópole e município interiorano. Neste ambiente, o papel da igreja católica era marcante, e não foi de modo passivo que os representantes do clero local viram o crescente processo de agitação política que contagiou a região a partir de meados dos Anos 1950. Instigada pelos ventos progressistas que incidiam sobre o catolicismo, parte dos sacerdotes locais optaram por participar de modo ativo nas transformações que chegavam as suas paróquias. É neste panorama que se destacaram figuras como o Arcebispo Dom Cabral, e os padres Lage e Agnaldo Leal.<sup>29</sup>

Ao padre Lage foi creditada a criação das primeiras Associações de Defesa Coletiva (ADC), que futuramente se converteriam em “União”, entidades que buscavam congregar e organizar os trabalhadores de Belo Horizonte e arredores, especialmente os moradores das favelas. Além do trabalho assistencial, pautado por referências como aquelas oriundas do pensamento do padre belga Leon Joseph Cardijn, baseadas nas premissas *ver, julgar e agir*, os sacerdotes locais também buscavam limitar a influência da militância comunista em suas paróquias.

Na capital mineira também se verificava forte atuação de entidades estudantis católicas, como a JUC, organização alinhada a setores

progressistas desse credo.<sup>30</sup> As correntes que buscavam modernizar a igreja católica e lhe dar uma faceta mais humana e popular foram chamadas por Michael Lowy de “cristianismo de libertação”. Sobre os postulados dessas tendências, que faziam convergir elementos cristãos e marxistas-socialistas, Lowy infere que:

Tal fenômeno foi possível pois, (...), existem algumas “afinidades culturais” entre o marxismo e o cristianismo. Contudo, “não se trata de um processo unilateral” e sim de “uma interação dinâmica, “dialética”, que pode levar em certos casos a uma simbiose ou mesmo fusão”. Segundo este autor, algumas dessas “afinidades culturais” seriam: “1) a adesão a valores transindividuais e comunitários, em oposição ao individualismo liberal; 2) uma doutrina de tipo humanista/universalista (ecumenismo, internacionalismo); 3) a crítica ao capitalismo e ao liberalismo econômico, em nome de valores ético-sociais; 4) a simpatia ou solidariedade com o pobre e o oprimido; 5) uma utopia do futuro como “reino” de justiça e paz, liberdade e fraternidade humana”.<sup>31</sup>

## **Consolidação e cisão com o PTB**

Segundo Theotônio dos Santos, a “Mocidade Trabalhista do PTB mineiro se formou pelo ano de 1957”, composta por “um grupo de independentes de esquerda ligados sobretudo ao movimento estudantil”.<sup>32</sup> Desse grupo ganharam destaque o próprio Theotônio, além de Vânia Bambirra, Vinícius Caldeira Brant, Jair Ferreira de Sá, Herbert de Souza (Betinho), dentre outros. A MT foi mais um grupo de ativistas a galvanizar o ambiente político belo-horizontino, num período de grande efervescência. A seção jovem mineira do PTB, assim como se verificava nas

demais mocidades trabalhistas do país, alinhava-se as propostas de Leonel Brizola.

Desde o início de suas atividades, o grupo esteve presente nas contendas populares relacionadas não apenas ao meio estudantil, também soube atuar junto aos trabalhadores moradores de favela, operários e mesmo camponeses. Referindo-se a fase de atuação dos mineiros oriundos da MT na ORM-POLOP, Vânia Bambirra, em entrevista a Leovegildo Pereira Leal, indica que foi “em Minas que a POLOP conseguiu desenvolver uma atividade mais abrangente no período pré e pós fundação, com presença destacada no movimento estudantil, de favelados, operário (marceneiros e metalúrgicos) e camponês”<sup>33</sup>. A atuação da MT em seu estado lhe conferiu destaque entre as demais seções jovens do PTB, o que valeu ao mineiro Vinícius Caldeira Brant a presidência nacional da Mocidade Trabalhista.

A radicalização dos mineiros se deu concomitantemente a de outras forças populares em atividade no período. Mesmo o trabalhismo brizolista se mostrou estreito para um grupo de jovens que desejava alterar de modo contundente as estruturas de sua realidade. O primeiro passo nessa direção, ou seja, o início do afastamento entre boa parte dos militantes da MT mineira, e a direção do partido que lhes fornecia guarida, efetuou-se nas articulações para as eleições municipais de 1960. Sobre estes eventos, Theotônio dos Santos afirma que o grupo lançou

um candidato a prefeito muito ligado a nós e considerado marxista que foi Fabrício Soares. Nossa vitória na convenção municipal pegou de surpresa o diretório regional do PTB que anulou nossa convenção e lançou outro candidato à prefeitura. Os católicos que esperavam lançar o padre Lage (que foi proibido pela

hierarquia católica e os deixou sem candidato) não gostavam da candidatura de Fabrício por ser marxista e mostraram suas diferenças ideológicas. Isto levou à articulação dos marxistas independentes que terminaram formando a POLOP em 1961 enquanto a ala católica formou a Ação Popular.<sup>34</sup>

A conjuntura narrada acima marca o início de um processo de decantação entre a jovem militância engajada nas lutas sociais belo-horizontinas. A definição de posições se deu entre os grupos orientados pelo catolicismo progressista, cada vez mais combativo e a esquerda, e os marxistas. Obteve relevo na corrente cristã a liderança de Herbert José de Souza, conhecido como Betinho, quadro oriundo da Juventude Estudantil Católica (JEC), à época cursando Ciências Sociais pela Universidade de Minas Gerais (UMG, posteriormente UFMG). Betinho foi um dos fundadores da Ação Popular em 1962. Desta corrente também ganhou destaque, dentre outros, Vinícius Caldeira Brant, aluno do curso de Ciências Econômicas da UMG, membro fundador da AP, eleito presidente da UNE em 1962. Betinho, Brant e seus companheiros preferiram permanecer na órbita do catolicismo progressista, embora sua militância ultrapassasse em muito os limites impostos pelo pensamento cristão.

Outra corrente a se distanciar dos postulados trabalhistas foi a encabeçada por Theotônio dos Santos, segundo o mesmo, o afastamento em relação ao PTB começou a se efetivar após a intervenção do Diretório Regional petebista mineiro na seção belo-horizontina, após a escolha de um marxista para concorrer como candidato à prefeitura local, como citado acima<sup>35</sup>. Santos e seu grupo eram socialistas, assim como os cristãos, mas orientados pela teoria marxista, e foi este o ponto crucial a ensejar o

afastamento em relação à tendência encabeçada por Betinho e Caldeira Brant. Ambas as correntes deixariam a MT entre 1960 e 1961.

Apesar de já se encontrar em marcha o processo que levaria à cisão do grupo com o PTB, a MT se engajou nas eleições presidenciais de 1960 ainda sob o guarda-chuva trabalhista. A orientação partida das cúpulas do partido era de apoio à chapa Henrique Teixeira Lott-João Goulart, para presidente e vice, mantendo a bem-sucedida parceria PSD-PTB, fundamental para a relativa estabilidade verificada nos anos JK. As articulações para o apoio a chapa Lott-Jango se deram no Rio Grande do Sul, então governado por Leonel Brizola. Data dessa fase a inflexão mais radical de um líder trabalhista no âmbito político-institucional brasileiro. Há cerca de um ano antes, Brizola encapara a Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, filial da *American and Foreign Power Company* (Amforp). Tal ambiente de combatividade e insubmissão seria essencial para a “cadeia da legalidade”, cerca de um ano depois aos fatos aqui narrados. Na conjuntura em questão, o líder trabalhista gaúcho buscava angariar apoio junto à juventude de seu partido, e orientar o PTB em direção as suas propostas de cunho radical. A ocasião para isso foi o Congresso da Mocidade Trabalhista, realizado no Rio Grande do Sul, em princípios de 1960. É neste evento que Vinícius Caldeira Brant chega a presidência nacional da MT. Sobre a organização do encontro, Otavino Alves, operário marceneiro, futuro quadro da ORM-POLOP, indica que nessa

época discutia-se uma intervenção no PTB e, ao mesmo tempo, um projeto político de combate ao reformismo. O Leonel Brizola bancou o Congresso da Mocidade Trabalhista no Rio Grande do Sul, foram quatro pessoas de Belo Horizonte: o Vinícius, o Pedrinho, um menino da JOC (Juventude Operária Católica), ligado ao Sindicato dos Têxteis, e eu. Quem bancou as passagens

de avião foi o Santiago Dantas (...).<sup>36</sup>

Sobre a participação da MT mineira nas eleições presidenciais de 1960, Theotônio dos Santos afirma que neste pleito “apoiamos o Marechal Lott para presidente e eu era o vice-presidente do Comitê Juvenil Pró Lott. Eu falei em nome da Juventude na Cerimônia Nacional de lançamento da candidatura de Lott que se realizou em Belo Horizonte e a Mocidade esteve presente fortemente no Comício de lançamento de Lott na sua cidade natal em Minas”.<sup>37</sup> Mas o engajamento da juventude trabalhista belo-horizontina não foi suficiente para angariar apoio ao candidato do PSD, que não venceu na capital, tampouco no restante do estado mineiro.

Dentre as diversas organizações de esquerda em atividade no país, o discurso anti-imperialista foi ponto pacífico, e nesta linha de argumentação, os EUA eram vistos como o grande agente das forças antinacionais em ação na América Latina. No Brasil, Leonel Brizola se consagrou como o campeão no embate contra os representantes dos interesses estadunidenses. Em âmbito continental, os revolucionários da Sierra Maestra ocupavam tal posição. De acordo com Vânia Bambilra, a “Revolução Cubana foi o grande guarda-chuva ideológico” a abrigar os setores descontentes da MT e militantes do movimento estudantil local<sup>38</sup>, e que esta mesma agremiação “não foi mais que uma fachada legal” para boa parte de seus quadros internos.<sup>39</sup> O viés institucional e legalista dos grupos que comandavam o PTB não cabia nos sonhos de uma geração que cada vez mais adquiria consciência sobre a realidade nacional – e internacional. O trabalhismo brizolista, embora radical e insinuante, não rompia os limites de jogo político-institucional brasileiro.

A Mocidade Trabalhista do PTB prosseguiria com suas atividades, mas novamente seu centro de gravidade se restringiria ao Rio Grande do Sul. Sereno Chaise,<sup>40</sup> brizolista veterano da Ala Moça, chegaria a prefeitura da Porto Alegre em 1963, com forte apoio da MT local. As seções jovens do PTB seriam extintas junto com a legenda, após o AI-2, em 1965.

## **Novos Rumos**

A ala cristã da MT começou ganhar destaque no meio estudantil nacional já em 1960, quando Betinho concorreu à presidência da UNE, sendo derrotado. As articulações junto ao meio estudantil se deram, em princípio, sob o guarda-chuva da JUC. Como vimos acima, a MT mineira foi definida como uma “fachada legal” para correntes políticas ligadas ao meio estudantil trabalhista, algo semelhante se dava com as organizações cristãs. Os limites impostos pelas cúpulas trabalhistas e católicas foram superados pela criação de AP em 1962, uma organização assumidamente de esquerda, ligada a tendências progressistas cristãs tanto de matriz católica quanto protestante.

A AP teve em Belo Horizonte um dos seus principais pólos de articulação, nesta capital ocorreu o congresso de formação da sigla, onde foi eleito seu primeiro coordenador nacional, Herbert de Souza. Vinícius Caldeira Brant, outro local egresso da MT, foi eleito presidente da UNE em 1962. A AP deteve o comando da UNE até 1964, após o golpe, a entidade máxima do estudantado brasileiro foi considerada ilegal pelo regime dos militares. Contudo, suas atividades prosseguiram de modo semi-clandestino até o fechamento absoluto da ditadura em 1968, após o AI-5.

As duas lideranças por nós destacadas seguiram com suas militâncias políticas após o início do período de exceção. Betinho, após breve exílio no Uruguai, retornou ao Brasil e seguiu com sua militância na AP em situação de clandestinidade até 1971, quando se refugiou no Chile, retornando ao Brasil apenas em 1978, após o início da abertura política. Vinícius Caldeira Brant seguiria itinerário semelhante ao de Betinho, após cursar pós-graduação em Ciências Políticas na École Pratique de Hautes Études, em Paris, retornou ao Brasil em 1967 e retomou sua militância política. Em 1967 aderiu a uma corrente de fundo castrista, afastando-se das diretrizes da direção da AP, a essa altura em processo de aproximação ao maoísmo, Brant e seu grupo foram expulsos da agremiação e acabaram por fundar o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), adepto do foquismo cubano.<sup>41</sup> Brant terminou preso no Rio de Janeiro em 1970, foi transferido para São Paulo e cumpriu pena até 1973.

A outra corrente interna a MT, de viés marxista, ingressou na ORM-POLOP em 1961, em um congresso realizado na cidade de Jundiá, interior de São Paulo. Este agrupamento se uniu, em caráter de frente, à Liga Socialista Independente (LSI), de São Paulo, e à Juventude Socialista do PSB, organizada no eixo Rio-São Paulo. Em entrevista a Leovegildo Pereira Leal, Vânia Bambirra afirma que do meio estudantil mineiro aderiram a nova organização, além da própria, “Theotônio dos Santos, Guido Rocha, Juarez Guimarães de Brito, Carlos Alberto Soares de Freitas, Chaim Samuel Katz, Amaury de Souza Guimarães, Arnaldo Mourthé, Theodoro Alves Lamounier, Claudio Galeno Magalhães Linhares, Alaor Passos, José Thiago Cintra”, boa parte desses egressos da MT<sup>42</sup>. Este grupo se consolidou como a seção mineira da ORM-POLOP, organização que

tinha como principais núcleos, além de Belo Horizonte, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

O núcleo mineiro polopista foi o que manteve maior aproximação junto aos movimentos sociais de sua região, como vimos acima, e esta prática foi uma continuidade do que se verificava nos dias de atuação da MT local. Este núcleo sempre manteve sua independência em relação ao centro estratégico da ORM-POLOP, situado no eixo Rio-São Paulo, a partir das lideranças de Eric Sachs e Luiz Alberto Moniz Bandeira, atuantes na capital fluminense, e Eder Sader e Paul Singer, organizados em ambiente paulistano<sup>43</sup>. O que dava coesão ao grupo era o periódico *Política Operária*, que circulou de 1961 até 1979, atravessando diferentes formações da organização da qual era o porta voz. O golpe de 1964 e sua razia repressiva desorganizou a ORM-POLOP, e a coesão anterior deu lugar a uma dispersão, o que levou as seções regionais da sigla a se reorganizarem em âmbito local. A altura de primeiro de abril de 1964, Theotônio dos Santos era professor da Universidade de Brasília, após o assalto ao poder pelos militares, foi exonerado da UNB, e viveu no Brasil em situação de clandestinidade até 1966, quando se transferiu para Santiago, incorporando-se ao Centro de Estudos Sócio-Econômicos - CESO, da Faculdade de Economia da Universidade do Chile. Vânia Bambirra, sua companheira, acompanhou-o e completou seus estudos no Chile, também passando a colaborar com o CESO. Após o golpe de Estado perpetrado em 1973, ambos deixaram o Chile em direção ao México, passando a ministrar aulas na Universidade Nacional Mexicana, com a qual mantiveram vínculos até o final de seus dias. O casal Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra retornou ao Brasil na conjuntura da anistia, início da década de 1980.

A militância polopista mineira prosseguiu após o desarranjo promovido pela repressão, em 1967, Eric Sachs, buscando dar nova coesão ao grupo, apresentou um programa que buscava centralizar as ações da ORM-POLOP. Tal programa desagradou diversos setores da organização, sobretudo os mais jovens, atuantes no meio estudantil, especialmente por sua posição ambígua em relação a luta armada<sup>44</sup>. A polêmica descambou em uma série de cisões, o núcleo paulista acabou por se articular na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), estruturada em São Paulo. A seção mineira se reuniu nos Comandos de Libertação Nacional (COLINA).<sup>45</sup> Ambas as siglas eram adeptas da luta armada por meio de guerrilhas, com inspiração no foquismo cubano. A prática de expropriação de bancos, como meio de acumular fundos para manutenção das organizações, comum na guerrilha urbana nacional – e internacional – teve início em solo brasileiro em meados de 1968, Belo Horizonte foi uma das capitais brasileiras a testemunhar esse tipo de ação, executada por quadros dos COLINA.<sup>46</sup> Em 1969 esta sigla se uniu a VPR, e desta fusão surgiu a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), organização que contou com ativa participação dos quadros oriundos de Minas Gerais, com destaque para Carlos Franklin Paixão Araújo, Dilma Rousseff e Carlos Alberto Soares de Freitas.<sup>47</sup>

## **Considerações Finais**

A cidade de Belo Horizonte, nos dias atuais, é um dos principais pólos de agitação política e cultural brasileiros. Nas jornadas de julho, ocorridas em 2013, a capital mineira foi palco de mobilizações que reuniram milhares de pessoas.<sup>48</sup> Neste trabalho vimos que essa realidade remete a

década de 1950, quando uma série de projetos de cunho estatal fomentaram o desenvolvimento industrial da grande Belo Horizonte, atraindo grande contingente de trabalhadores para a região, alterando de modo definitivo a localidade em termos políticos e culturais. De antiga capital administrativa, de escassa população, o município se transformou num dos principais centros industriais do país. Mas todo esse desenvolvimento trouxe consigo problemas sociais antes não vistos, como o processo de favelização que tomou conta dos morros localizados nos então arredores da cidade.

Misto de cidade interiorana e pólo industrial recente, Belo Horizonte abrigou em suas cercanias uma geração de militantes políticos que iria definir a capital mineira como um pujante centro de agitação política e cultural. Concentramos nosso recorte na Mocidade Trabalhista do PTB e discutimos seus desdobramentos, mas vimos que nessa capital esteve mobilizado um ativo movimento partido de setores progressistas do clero católico, com destaque para a JEC, JUC, e posteriormente a AP. Uma geração de ativistas cristãos iniciou suas atividades em solo belo-horizontino durante os Anos 1950, na década seguinte, esse selecionado de militantes ganharia destaque na política nacional.

Destacamos a atuação de Vinícius Caldeira Brant, presidente da UNE em 1962, guerrilheiro preso em 1970, sociólogo de renome, sendo um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Além de Herbert de Souza, o celebrado Betinho, grande combatente contra as desigualdades sociais e as injustiças nas diferentes fases de sua vida, ativista que nas décadas de 1980 e 1990 organizou campanhas em prol da Reforma Agrária e de combate à fome.

Outra corrente oriunda da MT belo-horizontina, de fundamental importância para o pensamento de esquerda brasileiro – e mundial – foi a que se articulou em torno das lideranças de Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, expoentes da ORM-POLOP. Ao lado de pensadores como Eric Sachs, Luiz Alberto Moniz Bandeira e Rui Mauro Marini (mineiro de Barbacena), seriam os formuladores da “corrente mais radical”<sup>49</sup> da *teoria da dependência*, linha de interpretação marxista sobre desenvolvimento capitalista nas regiões pós-coloniais. Embora figurem entre os principais expoentes da *teoria da dependência*, os mineiros remanescentes da ORM-POLOP (Santos, Bambirra e Marini)<sup>50</sup> encontraram pouca acolhida no Brasil, em princípio pelo patrulhamento ideológico perpetrado pelos agentes da repressão ditatorial, em seguida por divergências no ambiente acadêmico, inclusive junto à própria esquerda.<sup>51</sup> Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra terminaram seus dias no Brasil, desfrutando de um reconhecimento tardio, mas sólido, entre pesquisadores e ativistas vinculados ao pensamento crítico nacional.

Na esteira daquela geração que se formou na segunda metade dos Anos 1950, uma linhagem posterior de ativistas talhados no ambiente político mineiro de contestação ganhou destaque, a mesma que se notabilizou por suas ações na AP, posteriormente APLM (Ação Popular Marxista Leninista, que acabou por se unir ao PC do B e suas ações guerrilheiras no Araguaia), ORM-POLOP, COLINA, VPR e VAR-Palmares. Muitos dos militantes ligados a essas siglas tiveram atuação marcante na conjuntura da abertura política promovida nos estertores da ditadura civil-militar iniciada em 1964, boa parte desses se engajando no PDT brizolista e no PT. Além dos ativistas citados aqui como referência,

oriundos do meio mineiro-belo-horizontino, ganharam destaque por sua militância no período pós-ditadura Herbert Daniel, Luiz Dulci, Fernando Pimentel, Nilmário Miranda, Eleonora Menicucci, Dilma Roussef, dentre muitos outros.

## Notas

---

\*Pós-doutorando em História Social pelo Departamento de História da FFLCH-USP. ORCID: 0000-0003-1701-9915.

<sup>1</sup> Este artigo é dedicado a Theotônio dos Santos.

<sup>2</sup> LEAL, L. P. **História da POLOP**. Da fundação a aprovação do Programa Socialista para o Brasil. Pará de Minas-MG: Editora Virtualbooks, 2011.

<sup>3</sup> MATTOS, M. B. Em Busca da Revolução Socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In: RIDENTI, M.; REIS, D. A. (Org.). **História do Marxismo no Brasil** (Vol. 5). Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, J. A. **POLOP**. As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967). Dissertação de mestrado. Araraquara: UNESP, 2008.

<sup>5</sup> GORENDER, J. **Combate nas Trevas**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000

<sup>6</sup> MONIZ BANDEIRA, L. A. Notas sobre a POLOP e Erich Sachs. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá-PR: n. 188, janeiro de 2017.

<sup>7</sup> Grande parte das informações referentes à Herbert de Souza e Vinícius Caldeira Brant se concentram em suas atividades pós adesão a AP, menções a suas militâncias na MT são escassas. Para informações pontuais sobre as trajetórias das duas lideranças em destaque e sua passagem pela MT de Belo Horizonte, consultar site da FGV/CPDOC, nos endereços eletrônicos: <http://goo.gl/A2NUqP>; e <http://goo.gl/qpqXx>. Acesso em 31 de Jul. de 2018.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, S. L. S. **Caminhando com os próprios pés**. A formação política e teórica da ORM-POLOP (1956-1967). Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de História da FFLCH-USP, 2017.

<sup>9</sup> Boa parte do acervo de documentação da ORM-POLOP (atas de Conferências e Congressos, boletins de circulação interna) está disponível em formato digital no Centro de Estudos Victor Meyer, podendo ser acessado no endereço eletrônico: [centrovictormeyer.org.br](http://centrovictormeyer.org.br)

<sup>10</sup> NEVES, L. A. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, J. (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. pp. 177-178.

---

<sup>11</sup> Além de Getúlio Vargas, podemos citar Marcondes Filho, um dos principais articuladores da CLT, e Alberto Pasqualini, teórico formulador da doutrina trabalhista, para mais informações sobre as duas últimas lideranças, consultar: BODEA, M. **Trabalhismo e Populismo: o caso do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1984; PARANHOS, A. **O Roubo da Fala**. Origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 1999. SILVA, R. B. **Alberto Pasqualini: Trajetória Política e Pensamento Trabalhista**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF, Departamento de História, 2012.

<sup>12</sup> SILVA, R. B. O PTB (1945-1964): suas tendências políticas internas e a hegemonia do diretório sul-rio-grandense. *In: Revista Perseu*. São Paulo: n. 7, ano 5, 2011. p. 188.

<sup>13</sup> Entre 1947 e 1963, PSD e PTB se revezaram no comando do estado do Rio Grande do Sul, os primeiros elegeram três governadores (Walter Jobim, 1947-1951; e Ildo Meneghetti, por duas vezes, 1955-1959 e 1963-1966), o segundo elegeu dois governadores no período (Ernesto Dorneles, 1951-1955; e Leonel Brizola, 1959-1963).

<sup>14</sup> O PTB paulista disputava o apoio da classe trabalhadora com o Partido Social Progressista (PSP, ligado a Adhemar de Barros); Partido Social Trabalhista (PST); Partido Trabalhista Nacional (PTN, ligado a Hugo Borghi e Jânio Quadros); Partido Republicano Trabalhista (PRT); Partido Orientador Trabalhista (POT); Movimento Trabalhista Renovador (MTR). Para mais informações sobre o trabalhismo em São Paulo, consultar: BENEVIDES, M. V. **O PTB e o Trabalhismo**. Partido e sindicato em São Paulo (1945-1954). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

<sup>15</sup> “Minas Gerais não teve (...) nenhum fenômeno populista de tipo “janismo” e “ademarismo”. As velhas oligarquias pesaram muito no estado de compromisso característico da composição de forças no período, mais ainda a nível local que nacional. (...) A força política das antigas elites aparece, mais claramente, quando Minas lidera o movimento (sic) de 1964”. SOMARRIBA, M. M. G.; VALADARES, M. G.; AFONSO, M. R. **Lutas Urbanas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 1984. p. 39.

<sup>16</sup> LADOSKY, W. Evolução das instituições políticas em Minas Gerais. *In: Revista Brasileira de Estudos Políticos*. n. 14, jul. 1962 *apud*. SOARES, G. A. D. **A Democracia Interrompida**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001. p 165.

<sup>17</sup> Ver: Surgimento e Evolução do Associativismo de Base em Belo Horizonte. *In: SOMARRIBA, et. al. op. cit.* pp. 30-54.

<sup>18</sup> FERREIRA, M. M. (Org.). **A Força do Povo: Brizola e o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Alerj, CPDOC/FGV, 2008; SENTO-SÉ, J. T. **Brizolismo: estetização da política e carisma**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999; MONIZ BANDEIRA, L. A. **Brizola e o Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora

---

Civilização, 1979; BRAGA, K.; SOUZA, J. B.; DIONI, C; BONES, E. (Coord.). **Leonel Brizola**: Perfil, discursos, depoimentos (1922/2004). Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2004; FERNANDES, V. S. **A emergência de um líder nacionalista**. A atuação parlamentar de Leonel Brizola entre os anos de 1947 e 1953. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2013; TAVARES, T. S. **Grupo de Onze: a esquerda brizolista (1963-1964)**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

<sup>19</sup> SENTO-SÉ, J. T. op. cit. p. 101.

<sup>20</sup> Para mais informações sobre a Ala Moça gaúcha: ver entrevista de Sereno Chaise a Claudira do Socorro, Gustavo Coelho Faria e Laura Ferrari. **Revista História Oral**. vol. 17, n. 1, pp. 267-302, 2014.

<sup>21</sup> SOMARRIBA, M. M. G. et. al. op. cit. p. 37.

<sup>22</sup> idem, p. 36

<sup>23</sup> OLIVEIRA, S. R. O movimento de favelas de Belo Horizonte e as representações do passado. *In*: **Revista Temporalidades**. Belo Horizonte - MG: Vol. I, n. 1, março de 2009. p. 86.

<sup>24</sup> “Entre 1955 e 1965, o número de habitantes nas favelas passou da ordem de 36.432 para 119.799 (...)”. *ibid.*, p. 86.

<sup>25</sup> Entrevista de Dimas Perrim ao *Centro de Estudos Mineiros*. *apud*. OLIVEIRA, S. R. **Trabalhadores Favelados**: identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2014. pp. 260-261.

<sup>26</sup> “(...) é importante salientar que no âmbito do movimento dos “trabalhadores favelados” organizados pela FTFBH, assim como nos sindicatos e na luta pela reforma agrária em Minas Gerais, existia uma união entre as esquerdas comunista, trabalhista e católica. As trajetórias das lideranças no movimento de “trabalhadores favelados” sinalizam para a heterogeneidade de posições políticas articuladas no associativismo civil em pauta”. OLIVEIRA, S. R. Movimento dos “trabalhadores favelados” e o Morro do Querosene: uma análise do trabalho de narrativa de Vicente Gonçalves sobre as décadas de 1950 e 1960. **Revista do CPDOC**. Rio de Janeiro: Edição n. 8 Ano V, 2014. p. 28.

<sup>27</sup> Por meio “dessas alianças político-partidárias com as esquerdas, a FTFBH marcou uma posição no jogo político. Para além de interferir na dinâmica política em geral, o movimento social adquiria relevância na plataforma reformista e nacionalista, demarcando um lugar específico para abordar o direito de moradias nas favelas – tema nem sempre reconhecido pelos políticos e análises sobre o tema”. Tese de: OLIVEIRA, S. R. op. cit., p. 267.

<sup>28</sup> “Logo após a mudança de regime, (...) a Federação de Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte (FTFBH) é colocada sob intervenção federal, que dura até

---

agosto, quando se decreta a sua extinção por ter sido, após inquérito policial-militar, considerada subversiva”. *In*: SOMARRIBA, M. M. G.; *et al.* op. cit. p. 46.

<sup>29</sup> Para mais informações sobre as ações dos sacerdotes supracitados, que se destacaram nos movimentos populares e assistenciais de Belo Horizonte e região, ver tese de: OLIVEIRA, S. R. op. cit. pp. 260-62.

<sup>30</sup> A JUC surgiu vinculada a Ação Católica, “apostolado de leigos promovido pela alta hierarquia da Igreja católica em todo mundo, a partir dos anos (19)30. A AC foi criada no Brasil em 1935 pelo bispo do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme (...). A base para sua fundação foi o Centro Dom Vital, inspirado pela Action Française”. Em princípio a AC brasileira assumiu posições conservadoras, aproximando-se da Ação Integralista Brasileira (AIB), somente após a II Guerra Mundial este movimento se alinhou ao “clero progressista”. A JUC seguiu os passos da AC, por volta de 1950, “passou a organizar-se nacionalmente (...), tornando-se um movimento social significativo, sendo por isso comemorado seu “surgimento” nessa data, embora existisse anteriormente”. RIDENTI, M. Ação Popular: cristianismo e marxismo. *In*: RIDENTI, M.; REIS, D. A. (Org.). **História do Marxismo no Brasil** (Vol. 5). Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 229.

<sup>31</sup> LÖWY, M. Cristianismo da libertação e marxismo. *In*: RIDENTI, M.; REIS, D. A. **História do Marxismo no Brasil (Vol.6)**. Partidos e Movimentos após os anos 1960. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007. pp. 413-414.

<sup>32</sup> Entrevista via e-mail concedida ao autor por Theotônio dos Santos, jan. de 2014.

<sup>33</sup> LEAL, L. P. op. cit., p. 101.

<sup>34</sup> Entrevista via e-mail concedida ao autor por Theotônio dos Santos, 07 de jan. de 2014.

<sup>35</sup> *idem*.

<sup>36</sup> Entrevista de Otavino Alves da Silva a Valter Pomar. **Revista Teoria e Debate**. n. 24, março/abril/maio de 1994.

<sup>37</sup> Entrevista via e-mail concedida ao autor por Theotônio dos Santos, 07 de janeiro de 2014.

<sup>38</sup> LEAL, L. P. op. cit. p. 100.

<sup>39</sup> *Idem*, p. 102.

<sup>40</sup> MONIZ BANDEIRA, L. A. op. cit.

<sup>41</sup> RIDENTI, M. op. cit. p. 255.

<sup>42</sup> LEAL, L. P. op. cit. p. 100.

<sup>43</sup> Para mais informações sobre a estrutura organizacional da ORM-POLOP, consultar: GORENDER, J. op. cit.; MATTOS, M. B. op. cit.; OLIVEIRA, J. A. op. cit.; MONIZ BANDEIRA, L. A. op. cit.; OLIVEIRA, S. L. S. op. cit..

<sup>44</sup> Sachs atribuía um papel secundário a guerrilha, que deveria se conjugar com outras formas de luta na cidade e no campo, a função da luta armada seria contribuir para a grande insurreição proletária que seria construída em longo prazo. “A guerrilha, como forma de combate à ditadura burguesa-latifundiária,

---

mina e desgasta todo o aparelho de repressão, tanto do ponto de vista militar, quanto econômico e político. A guerrilha preenche este papel quando desencadeada em uma fase e em condições em que a sua ação acelera o surgimento de uma situação revolucionária, isto é, uma situação em que a luta de classes atinge o auge, colocando na ordem do dia a tomada do poder pelas classes oprimidas. Para isto, tem que apelar às classes revolucionárias do país, ao proletariado e seus aliados, para a luta comum a ser travada em todas as frentes contra o sistema explorador. Realizando, desde o início, em miniatura, a Frente dos Trabalhadores da Cidade e do Campo, a guerrilha potencializará a voz da vanguarda clandestina em todo o país, preparando o reagrupamento das forças das classes revolucionárias para a luta final”. SACHS, E. **Programa Socialista para o Brasil**. Documento disponível no site do Centro de Estudos Victor Meyer: <http://goo.gl/NXsydq> Acesso em 06 de Ago. de 2018.

<sup>45</sup> “Um dos principais núcleos do racha da POLOP saiu de Minas, tendo à frente Ângelo Pezzutti da Silva, Juarez Guimarães de Brito, Maria do Carmo Brito, Carlos Alberto de Freitas e Jorge Batista Filho”. GORENDER, J. op. cit. p. 140

<sup>46</sup> *ibid.*, p. 130.

<sup>47</sup> Após conferência realizada em Teresópolis, entre agosto e setembro de 1969, ratificou-se a fusão dos COLINA com a VPR, contudo, divergências levaram a uma cisão já durante a conferência. Capitaneados por Carlos Lamarca, um grupo reativou a VPR, dentre os mineiros, aderiram ao racha Herbert Daniel, Maria do Carmo Brito, Juarez Guimarães de Brito, dentre outros. Permaneceram na VAR-Palmares, dentre outros, Dilma Rousseff, Carlos Alberto Soares de Freitas e Franklin Paixão de Araújo. Para mais informações, consultar: GORENDER, J. op. cit. pp. 135-137

<sup>48</sup> “(...) em São Paulo, uma passeata contra o Projeto de Emenda Constitucional 37 reuniu cerca de 30 mil pessoas no sábado, 22. Na mesma tarde, em Belo Horizonte, perto de 70 mil pessoas protestaram contra os gastos para a Copa diante do jogo entre Japão e México”. SINGER, A. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. **Revista Novos Estudos**. CEBRAP: nº. 97, São Paulo, Novembro de 2013. Disponível no endereço eletrônico: [goo.gl/TZ9fHg](http://goo.gl/TZ9fHg), acesso em 06/08/2018

<sup>49</sup> “Na medida em que eu, com Ruy Mauro Marini e Vânia Bambirra somos considerados uma das correntes mais radicais desta teoria, onde se inscreveram muitos outros cientistas sociais, entre os quais deve-se destacar sobretudo a André Gunder Frank, cabia a mim retomar o fio da meada de uma polêmica que está profundamente associada à história dos povos colonizados e dependentes” (p. 2). Theotônio dos Santos indica quatro correntes ligadas a Teoria da Dependência (correntes: reformista, não marxista, marxista e neo-marxista), o grupo oriundo da ORM-POLOP se situaria entre as correntes marxista e neo-marxista (p. 22). SANTOS, T. **Teoria da Dependência**. Balanço e Perspectivas. Texto disponível

---

no site do [Grupo de Trabalho de Teoria Marxista da Dependência: www.imperialismoedependencia.org](http://www.imperialismoedependencia.org), Acesso em 07 de Ago. de 2018.

<sup>50</sup> Outras lideranças históricas da ORM-POLOP permaneceram na órbita do trabalhismo, Luiz Alberto Moniz Bandeira seguiu próximo ao brizolismo, abandonando suas atividades políticas e se concentrando na academia, Michael Lowy seguiu caminho semelhante, sem se alinhar organicamente a nenhuma legenda partidária, outros próceres da organização, como Eric Sachs, Paul Singer e Eder Sader se filiaram ao Partido dos Trabalhadores. Theotônio dos Santos colaborou em gestões de Leonel Brizola no Rio de Janeiro.

<sup>51</sup> “O desenvolvimento da teoria marxista da dependência segue encontrando resistência na esquerda centrista, que cada vez mais perde espaço diante da violenta restauração neoliberal, e na esquerda pós-moderna, que pretende priorizar as questões identitárias e ambientais, mas em detrimento das classes sociais, do Estado e da geopolítica mundial como instrumentos de análise, de poder e de transformação”. MARTINS, C. E. A teoria da dependência, 20 anos depois de Ruy Mauro Marini. **Blog da editora Boitempo**, 13 de julho de 2017. Disponível em: <http://goo.gl/Xib99q>, Acesso em 07/08/2018.